



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GABRYELLA DE SOUZA DA CUNHA FARIAS

NÍSIA FLORESTA: A RELAÇÃO ENTRE O FEMINISMO E O POSITIVISMO

GUARABIRA

2022

GABRYELLA DE SOUZA DA CUNHA FARIAS

NÍSIA FLORESTA: A RELAÇÃO ENTRE O FEMINISMO E O POSITIVISMO

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em História.

Área de concentração: História Social.

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224n Farias, Gabryella de Souza da Cunha.
Nisia Floresta [manuscrito] : a relação entre o feminismo e o positivismo / Gabryella de Souza da Cunha Farias. - 2022.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Departamento de História - CH."

1. Nisia Floresta. 2. Feminismo. 3. Auguste Comte. 4. Positivismo. I. Título

21. ed. CDD 306.43

GABRYELLA DE SOUZA DA CUNHA FARIAS

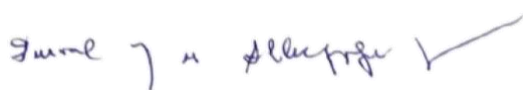
NÍSIA FLORESTA: A RELAÇÃO ENTRE O FEMINISMO E O POSITIVISMO

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em História.

Área de concentração: História Social.

Aprovada em: 01/04/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva (1^a examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Ma. Dayane Nascimento Sobreira (2^a examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que acreditam no poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior por aceitar ser o orientador deste trabalho, ter sido paciente, atencioso e ter estado sempre disponível, durante o processo de conclusão.

Agradeço também a todos os professores que estiveram comigo durante esses anos de curso, me ensinando, me incentivando, me corrigindo quando necessário, e servindo de exemplo para mim.

Também sou grata a todos que trabalham na coordenação do curso de Licenciatura Plena em História, pois sempre estiveram disponíveis quando precisei.

Agradeço aos amigos que me proporcionaram bons momentos, trocas de conhecimentos e informações.

Agradeço aos meus pais que sempre acreditaram em mim, valorizaram minha escolha, me incentivaram e me deram forças para seguir.

Este trabalho de conclusão de curso contou com o apoio de diversas pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a concluí-lo. Gratidão a todas.

Enquanto pelo velho mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!

(Nísia Floresta)

RESUMO

Nísia Floresta Brasileira Augusta é considerada a primeira feminista brasileira, ela revolucionou a história das mulheres no século XIX lutando por educação e emancipação. Floresta, devido sua posição social privilegiada teve a chance de conhecer vários países e de se relacionar com diversos intelectuais, dentre eles, Auguste Comte, francês conservador, considerado o pai do positivismo, doutrina filosófica que visava organizar a sociedade politicamente e socialmente. Nísia Floresta e Auguste Comte estabeleceram uma relação de amizade que pode ser comprovada através de registros históricos, como as cartas trocadas entre eles entre 1856 e 1857. O objetivo deste trabalho é entender como essa relação entre Nísia Floresta e Comte, influenciou o feminismo brasileiro iniciado por Nísia Floresta. Foram feitas pesquisas aprofundadas principalmente nas obras da própria Nísia, e da pesquisadora Constância Lima Duarte, para entender e percorrer o caminho de luta pelos direitos das mulheres que Nísia percorreu. Como resultado final, conclui-se aonde o feminismo precursor brasileiro concordou com o positivismo, solucionando eventuais dúvidas que possam surgir para quem pesquisa o feminismo inicial brasileiro sobre o porquê de uma mulher que chocou a sociedade de seu tempo com suas ideias revolucionárias para a época, se aliar a um conservador positivista.

Palavras-Chave: Nísia Floresta; feminismo; Auguste Comte; positivismo.

RESUMEN

Nísia Floresta Brasileira Augusta es considerada la primera feminista brasileña, revolucionó la historia de la mujer en el siglo XIX, luchando por su educación y emancipación. Floresta, debido a su posición social privilegiada, tuvo la oportunidad de visitar varios países y relacionarse con varios intelectuales, entre ellos, Auguste Comte, un francés conservador, considerado el padre del positivismo, una doctrina filosófica que tenía como objetivo organizar política y socialmente la sociedad. . Nísia Floresta y Auguste Comte establecieron una relación amistosa que se puede comprobar a través de registros históricos, como las cartas intercambiadas entre 1856 y 1857. El objetivo de este trabajo es comprender cómo esta relación entre Nísia Floresta y Comte, afectó al feminismo brasileño. de Nísia Floresta. Se realizó una investigación en profundidad, principalmente en los trabajos de la propia Nísia, y de la investigadora Constância Lima Duarte, con el fin de comprender y seguir el camino de lucha por los derechos de las mujeres que ha tomado Nísia. Como resultado final, se concluye donde el feminismo precursor brasileño coincidió con el positivismo, resolviendo las dudas que puedan surgir para quienes investigan el feminismo brasileño temprano sobre por qué una mujer que conmocionó a la sociedad de su tiempo con sus ideas revolucionarias para la época, se alió con un conservador positivista.

Palabras-clave: Nísia Floresta. Feminismo. Auguste Comte. Positivismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO II – Quem foi Nísia Floresta	5
CAPÍTULO III – O feminismo nisiano	15
CAPÍTULO IV – A relação entre o feminismo e o positivismo	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O feminismo precursor e revolucionário da brasileira Nísia Floresta se relacionou com o pensamento positivista e conservador de Auguste Comte. Comte foi o filósofo que fundou o Positivismo, filosofia que queria uma nova forma de organização social baseada nas leis naturais. Nísia Floresta, que no século XIX clamava por educação e emancipação feminina, manteve uma relação de amizade e admiração com Comte, que tinha algumas ideias muito contrárias as suas, como por exemplo, enxergar as mulheres como seres naturalmente inferiores. Baseada nas obras da própria Nísia Floresta (1810-1885), e nos trabalhos de Constância Lima Duarte, Paulo Margutti, Peggy Sharpe-Valadares, Gabriel Battazza Lonza, e Nathalie Bernardo da Câmara, busquei entender a relação existente entre esses dois personagens, bem como a influência que exerceram sobre o feminismo em seus primórdios, no país.

As leituras dos seguintes livros: *Opúsculo Humanitário*, Nísia Floresta — Estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares (1989); *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas* – tradução de Nathalie Bernardo da Câmara (FLORESTA, 2001); *Nísia Floresta: A primeira Feminista do Brasil* (DUARTE, 2005); *Nísia Floresta* (DUARTE, 2010); e *Cartas: Nísia Floresta e Auguste Comte* (DUARTE, 2002), foram essenciais para a realização desse trabalho, pois se complementaram de forma que logo permitiu o entendimento de qual foi o objetivo de Nísia Floresta ao envolver o Positivismo em sua filosofia. *Opúsculo Humanitário* (1989) e *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas* (2001), por serem obras traduzidas da própria Nísia Floresta, trazem toda a essência e fundamentos nisianos, além disso, por trazerem notas comentadas de suas respectivas tradutoras que também são pesquisadoras de Nísia Floresta, esses livros agregaram ainda mais a esta pesquisa.

De Constância Lima Duarte, escritora, Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mestre em Literatura Portuguesa e doutora em Literatura Brasileira, foram utilizadas três obras em que ela escreve com precisão sobre Nísia Floresta e é concisa ao falar sobre Auguste Comte, trazendo aspectos relevantes da teoria comtiana que foram necessários para o entendimento do positivismo, e para a criação de uma nova ideia a respeito dessa relação que ocorreu entre o feminismo nisiano e o positivismo de Comte. Além disso, Duarte traz,

em *Nísia Floresta: A primeira feminista do Brasil (2005)*, excertos de três importantes obras nisianas, entre elas *Direito das mulheres e injustiça dos homens* e *Cintilações de uma alma brasileira*, o que foi importante para que interligando com as outras obras, fossem formulados pensamentos próprios a respeito do feminismo nisiano. Todos os comentários pessoais e conclusões, tiveram como base principalmente os estudos dessas obras.

Foram utilizadas outras referências bibliográficas que acrescentaram detalhes e informações importantes não contidas nas obras já mencionadas, como o livro: *Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: Feminismo, positivismo e outras tendências* (MARGUTTI, 2019), onde o professor Paulo Margutti discorre sobre as principais obras de Nísia Floresta; a interpretação de diferentes pesquisadores sobre o pensamento nisiano; as ideias relacionadas à educação que intelectuais que foram mencionados por Nísia tinham; e a discussão das ideias da própria Nísia em relação a questões como a escravidão, os indígenas, o catolicismo, o republicanismo federalista e o nacionalismo.

Para entender um pouco mais sobre a biografia do filósofo considerado pai do positivismo, Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, mais conhecido por Auguste Comte, utilizei como referência bibliográfica, além das obras já mencionadas, o livro de Mozart Pereira Soares, *O positivismo no Brasil: 200 anos de Auguste Comte (1998)*. Este livro, por se tratar mais especificamente sobre a história de Comte e seu positivismo, me trouxe a oportunidade de acrescentar detalhes relevantes sobre Auguste Comte a este trabalho de pesquisa.

A dissertação de mestrado, *A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)* (LONZA, 2019), também foi utilizada nesta pesquisa como apoio bibliográfico. Em sua dissertação de mestrado, Gabriel Battazza Lonza, Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, discorre sobre a vida de Nísia Floresta e sobre o contexto educacional da época, tendo como foco a educação defendida e oferecida por Nísia as alunas do Colégio Augusto. A dissertação também traz algumas informações sobre o método educacional possivelmente utilizado por Floresta no Colégio Augusto, aspecto que até então não tinha sido encontrado com clareza nas outras fontes por mim utilizadas, além disso, me trouxe a possibilidade de conhecer mais um ponto de vista a respeito de Nísia Floresta, o que é de extrema importância para a elaboração de um trabalho de pesquisa científica.

O texto de Tatiana Beltrão, *O divórcio demorou a chegar no Brasil (2017)*, encontrado no arquivo digital Agência Senado, foi utilizado como referência bibliográfica para que fosse possível entender o quanto Nísia Floresta foi revolucionária ao separar-se em 1823. Tatiana Beltrão discorre em seu texto sobre a luta divorcista e a pressão da igreja em torno dessa luta, trazendo informações importantes sobre quando, como ocorreu o primeiro projeto divorcista e quem foi a primeira mulher brasileira a se divorciar amparada pela lei. A partir desse texto foi possível ter uma dimensão do quanto foi radical para Floresta encarar a situação de separação em pleno século XIX, sem o apoio da lei e da sociedade em geral.

Para realizar este trabalho, foi necessário conceituar o termo feminismo, para que ficasse compreendido o que ele representava nos Oitocentos, então, para isso, também foi utilizado como referencial teórico o texto de Pan Montserrat Barba, *O que é feminismo?* no qual é exposto definições sobre o termo, tendo por sua vez como fonte, o artigo de Leslie F. Goldstein, Geneviève Fraisse e Beatriz Preciado.

As referências utilizadas neste trabalho foram selecionadas em meio a um grande acervo de trabalhos já feitos sobre a história da primeira feminista brasileira. O meu trabalho, vem trazer uma nova visão a respeito do feminismo nísiano e seus objetivos, contribuindo juntamente com os demais trabalhos já produzidos, para que outras interpretações possam surgir através dele.

Este trabalho tem como objetivo principal entender a relação existente entre o feminismo precursor de Nísia Floresta e o positivismo, relação essa, que se observada da atualidade sem um aprofundamento histórico, pode parecer ilógico. Tenho intenção de a partir dessa análise, desenvolver novas ideias que possam trazer avanços para a educação feminista de hoje. Para isso, pretendo além de compreender o quanto o positivismo influenciou Nísia Floresta, identificar quais foram os principais fundamentos do feminismo nísiano, como também entender a sua filosofia da educação e seus métodos educacionais.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a análise de discurso. O filósofo Michel Foucault entende o discurso como construtor do sujeito, da realidade, e conseqüentemente das subjetividades certo momento histórico. A partir das análises de discursos é possível entender um momento histórico, porque o discurso é um objeto de análise onde estão contidos os reflexos de uma história. Para Foucault não há mistérios escondidos no discurso, o discurso quer dizer o que

diz, mas é preciso levar em consideração o contexto histórico e entender que todo discurso é controlado pelo poder.

O texto deste trabalho foi dividido em três capítulos, para que de forma sucinta fosse mais compreensível entender o seu objetivo geral. No primeiro capítulo, abordo a vida de Nísia Floresta, desde o nascimento, passando pela fundação do Colégio Augusto, até o início das suas viagens pela Europa. Também analiso o contexto familiar e social em que Nísia viveu, para que se entenda o porquê do surgimento de uma mulher de personalidade tão excepcional para a época, revolucionando as ideias acerca das mulheres, em pleno século XIX. No segundo capítulo abordo o porquê de Nísia, hoje, ser considerada a primeira feminista do Brasil, mesmo tendo vivido em um período em que o feminismo não representava o que representa nos dias atuais. Além disso, no segundo capítulo é explicado o principal conteúdo da luta que foi considerada feminista de Nísia Floresta, o que ela desejava e qual era seu plano para melhorar a vida das mulheres brasileiras. Nísia tinha toda uma estratégia educacional para se chegar à emancipação feminina que é comentada nesse capítulo, que analisa, principalmente, o seu livro “Opúsculo Humanitário”. O terceiro e último capítulo refere-se de maneira mais específica a relação entre o então feminismo nisiano e o positivismo. Para mais acrescento uma pequena biografia de Auguste Comte. Procuo questionar até que ponto o feminismo brasileiro em seus primórdios foi influenciado pelo positivismo, por qual razão isso aconteceu e em que aspectos havia divergência entre essas duas correntes de pensamento.

2 QUEM FOI NÍSIA FLORESTA

Em 1810, no sítio Floresta, próximo ao antigo povoado de Papari, na então Capitania do Rio Grande do Norte, nasce Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Descendente de uma família privilegiada, Nísia era filha de um advogado português chamado Dionísio Gonçalves Pinto e de uma viúva brasileira de família nobre chamada Antônia Clara Freire. Nísia Floresta cresceu em um período de mudanças, o Brasil deixava de ser Colônia e se transformava em Império. Ela vivenciou uma época marcada por constantes conflitos pela independência (LONZA, 2019), grande parte da população não estava satisfeita com o autoritarismo e o controle que a Coroa Portuguesa exercia sobre a população. Floresta cresceu sendo uma dessas pessoas insatisfeitas que desejava que o Brasil se tornasse independente de Portugal. Além dos conflitos pela independência, “[...] os portugueses sofriam perseguições e eram vistos como inimigos, principalmente por haver um monopólio lusitano na economia local.” (LONZA, 2019, p. 9). A família de Nísia sofreu essas perseguições.

Nísia Floresta casou-se pela primeira vez e contra a sua vontade em 1823, aos treze anos, com Manuel Seabra de Melo, que de acordo com (MARGUTTI, 2019, p. 15) era um “latifundiário de pouca cultura” que morava nos arredores do sítio Floresta. O casamento foi arranjado, como era costume na época. Logo após renunciar ao casamento, Nísia mudou-se com a família para Pernambuco onde residiu inicialmente em Goiana, depois em Olinda e Recife. Existe a possibilidade da mudança da família de Nísia Floresta para Pernambuco ter sido impulsionada pela separação, já que em meados dos Oitocentos, separar-se não era bem aceito pela sociedade.

Sair de um casamento, em 1823, demonstra bem a personalidade subversiva de Nísia Floresta, pois nesse período o divórcio era condenado pela Igreja e muito criticado pela sociedade, o casamento era indissolúvel, ou seja, não podia ser desfeito, além disso, a pessoa desquitada; como era chamada a pessoa que se separava; não poderia casar novamente. O divórcio veio a se tornar permitido somente cento e cinquenta e quatro anos depois da separação de Nísia e Manuel Seabra de Melo, quando Floresta já havia falecido há noventa e dois anos.

O primeiro projeto divorcista foi apresentado ao Parlamento em 1893. Outros se seguiram ao longo dos anos, sempre derrubados, até junho de 1977, quando o senador Nelson Carneiro (MDB-RJ), depois de 26 anos de luta política pelo divórcio, conseguiu aprovar no Congresso uma emenda constitucional, dele e do senador Acciolly Filho (Arena-PR), para alterar o trecho da Carta que impedia a dissolução do vínculo matrimonial. Foi essa mudança que abriu caminho para a Lei do Divórcio. Fonte: Agência Senado. (BELTRÃO, 2017)

A separação de Nísia e a aceitação dos pais dela desta separação, chama a atenção para o caráter liberal que a família possuía, pois naquele período da História, para muitas famílias era motivo de vergonha uma filha voltar para casa após casar-se. Não se tratando mais da situação da separação, mas ainda tratando do modo de vida moderno da família de Nísia, o seguinte trecho do livro “Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: Feminismo, positivismo e outras tendências”, de Paulo Margutti, mostra o quanto as pessoas de seu tempo ficavam surpresas com um modo de vida tão diferente.

O ambiente doméstico e a educação das crianças no lar de nossa autora parece ter sido mais liberal do que o aceito para a época. Com efeito, no mesmo ano em que Nísia nasceu, a família recebeu a visita do inglês Henry Koster, que mais tarde registrou o fato em seu livro *Travels in Brazil* (1816), posteriormente traduzido para o português sob o título *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1978). Ao descrever sua estada em Papari, Koster afirma que o senhor Dionísio lhe apresentou sua esposa. Parece também que ela se juntou ao marido para o jantar com o viajante inglês. E Isso não era comum na época. (MARGUTTI, 2019, p.15).

Em 17 de agosto de 1828, antes de Nísia Floresta completar dezoito anos (DUARTE, 2005), ela teve seu pai assassinado em uma cidade próxima a Recife. A motivação do crime foi ele ter ganho uma causa de um cliente contra o capitão-mor, chamado A. Uchoa Cavalcanti, que foi o mandante do assassinato (FLORESTA, 2001). Esse acontecimento abalou tão profundamente Nísia Floresta, que ela ainda discorre sobre ele em seu último livro, escrito 50 anos depois do crime:

...Quarenta e nove meses de agosto se passaram desde então! Um tão longo tempo não pôde ainda enfraquecer no meu espírito a lembrança cruel do fatal 17 de agosto de 1828, quando teve lugar essa horrorosa morte que levou consigo a felicidade da melhor das esposas e mergulho-a, com seus cinco filhos, numa inconsolável dor e no desespero! (FLORESTA, 2001, p. 52)

Ainda em 1828, após a morte de seu pai, Nísia Floresta casou-se, aos dezoito anos, na cidade de Olinda, dessa vez por vontade própria. Mais uma vez quebrou regras sociais da época por ser uma mulher desquitada e casar-se novamente,

certamente sem as bênçãos da Igreja Católica da qual fazia parte; e sem o apoio da sociedade, que também considerava uma atitude dessa imoral. Nísia, em 1828, casou-se por amor, com um estudante da Faculdade de Direito chamado Manuel Augusto de Faria Rocha, natural de Goiana e filho de Manuel Gonçalves de Faria e Joana Sofia do Amaral (DUARTE, 2005). Segundo Paulo Margutti:

O ambiente político da cidade era agitado e liberal, em virtude da rebeldia dos estudantes. Vivendo nesse clima, ao lado do companheiro, também estudante, Nísia desenvolveu uma atitude romanticamente liberal, marcado pela paixão nacionalista, pela defesa intransigente da liberdade e pelo repúdio à tirania. (MARGUTTI, 2019, p. 16).

Nísia Floresta e Manuel Augusto de Faria Rocha tinham muito em comum, suas visões de mundo eram parecidas, eles se apoiavam em suas ideias. Nísia demonstrou todo o apreço que tinha por Manuel Augusto, quando adotou o nome “Augusta” em homenagem a ele, e quando colocou o nome de seu colégio inaugurado em 1838 de Colégio Augusto, também em sua homenagem.

Em 1830, nasce em Pernambuco, Lívia Augusta de Faria Rocha, a primeira filha de Nísia Floresta e Manuel Augusto. Em 1831, Nísia começou a fazer suas primeiras publicações no Jornal Espelho das Brasileiras, ainda em Pernambuco, e nesse mesmo ano, de acordo com (MARGUTTI, 2019, p. 16), Floresta “[...] teve mais um filho, que morreu prematuramente”. Nísia muda-se para Porto Alegre (RS) em 1832, com o marido e a filha. No ano seguinte, em 1833, nasce o terceiro filho de Nísia, Augusto Américo de Faria Rocha, porém, nesse mesmo ano, morre aos vinte e cinco anos de idade o marido de Floresta. Após se tornar viúva, “Nísia permanece ainda em Porto Alegre, dedicando-se, sobretudo, aos filhos e ao magistério.” (DUARTE, 2005, p. 50).

Nísia Floresta, marcou a história do Brasil do século XIX por ser a primeira mulher a lutar por uma emancipação feminina que somente viria, de acordo com ela, através de uma educação de qualidade sendo oferecida as mulheres. Provavelmente, Nísia foi educada em casa pelos próprios pais ou por uma professora particular. Também existe a possibilidade de ter recebido instrução em um convento, uma vez que naquele período essas seriam as únicas formas de receber alguma instrução. (MARGUTTI, 2019, p. 223) diz que “Embora não tenha tido uma educação formal, adquiriu uma cultura admirável para a época, provavelmente tirando vantagem da biblioteca do Convento das Carmelitas”. Quanto

ao ofício de professora, Floresta iniciou de forma autodidata em 1834, de acordo com (VALADARES, 1989). Desde cedo, ela teve a oportunidade de além de estudar, conviver com intelectuais liberais, adeptos das ideias iluministas e positivistas, o que certamente influenciou em sua luta pelos direitos das mulheres.

Nísia, foi uma mulher que viveu em uma época em que o patriarcado dominava todos os setores da sociedade, e graças a educação científica que teve a rara oportunidade de receber, nesse período em que a mulher não podia nada além de permanecer no lar, não podia saber ler, e somente os homens eram vistos como seres pensantes, ela enxergava criticamente a situação social da mulher brasileira e conseqüentemente do Brasil como um todo. Nísia Floresta almejava mudanças, e foi em busca delas.

Mas o desejo ardente que nos cala n'alma, de ver o nosso país colocado a par das nações progressistas, nos impõe a obrigação de franca e imparcialmente analisar a educação da mulher no Brasil, esperando excitar, com o nosso exemplo, penas mais hábeis que a nossa a escreverem sobre um assunto que infelizmente tão desprezado tem sido entre nós. (FLORESTA, 1989, p. 45)

Nísia queria que mais mulheres se tornassem conscientes da péssima situação social das mulheres do Império e tivessem voz na sociedade, para assim, saber reivindicar seus direitos. As mulheres desse período não costumavam questionar o modo como viviam, até mesmo mulheres que tiveram alguma instrução, silenciavam diante da opressão que sofriam, pois, além do conservadorismo, o catolicismo, muito presente na época, mantinha essas mulheres presas aos dogmas da Igreja, que faziam essas mulheres acreditarem que aquela vida oprimida que levavam era a correta. Nísia Floresta, que era católica, mas não era nada ortodoxa, veio alertar essas mulheres para realidade em que viviam através de suas reivindicações, dando exemplo e incentivando-as a reivindicarem uma vida diferente. Paulo Margutti pontua onde Nísia, apesar de católica, diverge do catolicismo ortodoxo:

[...] a) suas críticas aos desvios de conduta do clero brasileiro, que deveria utilizar como modelo o clero francês, que considerava “o mais instruído do mundo católico”; b) suas críticas às Cruzadas, que, para ela, foram uma aberração do espírito do cristianismo; c) suas críticas aos abusos da Inquisição; d) sua denúncia da contradição entre as máximas cristãs ensinadas aos indígenas e o tratamento dado a eles pelos colonizadores; e) seus elogios ao livro antiescravagista de E. Stowe, que Nísia considerava um moderno Evangelho, em que todos os corações americanos deveriam ir beber as lições de Cristo, transmitidas pelo apóstolo feminino a quem Ele

inspirou; f) sua opinião de que a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões, a mitológica-ridícula divindade a cujos pés queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. (MARGUTTI, 2019, p. 239).

Nísia não se intimidava em tecer críticas ao catolicismo que naquele período era extremamente conservador, Floresta era uma mulher polêmica e que não tinha medo de chocar a sociedade brasileira com suas ideias e posicionamentos. Constância Lima Duarte faz uma citação de Gilberto Freyre, em seu livro “Nísia Floresta: A primeira feminista do Brasil” (2005), que demonstra bem, como Nísia se destacava diante das mulheres de seu tempo.

Nísia Floresta surgiu – repita-se, como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio de homens a dominarem sozinhos todas as atividades extra-domésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase novela de Troncoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nísia. (Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*).

Nota-se o preconceito presente na fala de Gilberto Freyre, quando ele referiu-se a Floresta como “machona”. Ele reforçou a ideia de que uma mulher bem instruída e emancipada só poderia ser enxergada como homem, afinal de contas, para o patriarcado da época, somente os homens seriam capazes de serem sábios e teriam o direito de serem livres. Para ele, causou “pasma” uma figura como Nísia Floresta, porque ser intelectual seria, na sua perspectiva, uma característica masculina e possível apenas ao sexo masculino, e se assim uma mulher fosse, perderia a feminilidade. *Sobrados e Mucambos* foi publicado, por Gilberto Freyre, em 1936, 51 anos após a morte de Floresta, e demonstra nesse trecho a visão que o patriarcado ainda tinha de uma mulher inteligente, que pensava por si mesma.

Naquela época, em que as mulheres possuíam apenas deveres e nenhum direito, Nísia foi capaz de entender que a falta de educação científica para as mulheres era um grande problema social e causava o atraso do Império do Brasil, gerando um ciclo de ignorância, por isso, acreditava que uma reforma na educação feminina seria o início preciso para o progresso da sociedade, pois, traria boas consequências em todos os âmbitos sociais, não apenas para o mundo feminino. Sobre as pessoas da alta sociedade, que tinham conhecimento e mesmo assim não valorizavam a educação das mulheres, Nísia Floresta diz:

Os provincianos, mormente os que viveram algum tempo na parte mais ilustrada da Europa, deviam desprezar destarte a educação da mulher? Alguns, possuindo grande fortuna, não poderiam em suas respectivas províncias obviar-lhes os males provenientes da falta de educação, atenuando, senão preenchendo em geral, a lacuna deixada pelo governo? (FLORESTA, 1989, p. 87)

Essa capacidade de análise crítica que Nísia Floresta tinha, em meados do século XIX, é de impressionar qualquer pessoa que tenha conhecimento de como era a vida social das mulheres nesse tempo. Nas palavras de Constância Lima Duarte:

Num tempo em que a esmagadora maioria das mulheres vivia trancafiada em casa sem nenhum direito, quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, justo nesse tempo Nísia Floresta dirigia um colégio para moças no Rio de Janeiro, e escrevia livros e mais livros para defender os direitos não só das mulheres, como também dos índios e dos escravos. (DUARTE, 2005, p. 14).

Indo além das mulheres de seu tempo e adaptando as influências recebidas à sua realidade de mulher, em um período em que a maioria das mulheres não sabia ler e escrever a própria língua portuguesa, Nísia, mais do que o português, dominava o francês e o italiano, sendo por isso, além de escritora, considerada professora. Casou e descasou, quando as mulheres ainda não possuíam o direito ao divórcio, foi uma mulher que através de seus escritos reivindicava os direitos das mulheres de participar da vida política e social do seu tempo, defendia os indígenas, o abolicionismo e o republicanismo e publicou em jornais suas ideias enfrentando sem medo, críticas, perseguições e preconceitos.

Vale a pena lembrarmos inicialmente que Nísia é uma pensadora voltada para a ação, dentro da tradição ibérica a que pertence. Ela não fica restrita à mesa do escritório, apenas lançando suas ideias e seus projetos no papel, mas procura corajosamente realizá-los na vida prática. (MARGUTTI, 2019, p. 225).

Em seu primeiro livro “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens” publicado em 1832, Nísia Floresta, traduz de maneira livre as ideias de uma escritora inglesa chamada Mary Wollstonecraft¹, defendendo o direito das mulheres de ocuparem cargos públicos e de comando, até mesmo no Exército, um discurso

¹ De acordo com o texto “A atualidade da obra de Mary Wollstonecraft” (2016) “Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma intelectual libertária inglesa que abraçou as causas de pessoas oprimidas de seu tempo, sendo hoje reconhecida como uma importante abolicionista inglesa e uma das precursoras do feminismo.” (Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.)

que foi considerado extremamente revolucionário na época. Mary Wollstonecraft exerceu forte influência nos pensamentos de Nísia Floresta. De acordo com a professora Constância Lima Duarte:

O primeiro livro que Nísia Floresta publicou é também o primeiro que se tem notícia no Brasil que trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho e exige que elas sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de todo respeito pela sociedade. (DUARTE, 2005, p. 17).

Possivelmente existiram outras mulheres que lutavam por seus direitos antes de Nísia Floresta, porém, Nísia se tornou conhecida por ter recebido a oportunidade e o privilégio que outras infelizmente não tiveram. Sendo assim, Nísia Floresta foi considerada a primeira feminista do Brasil, já que foi a primeira mulher brasileira que se tem registros na história que comprovem sua luta pelos direitos das mulheres. Apesar do termo “feminismo” ser usado para definir essas mulheres que lutaram pelos seus direitos somente a partir do final do século XIX. Nísia foi a precursora do que depois se tornou um enorme movimento social de mulheres, unidas na luta pelos seus direitos e do qual derivou-se, mais adiante, inúmeras vertentes que resistem até hoje.

Em 1837, Nísia muda-se de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, de acordo com (MARGUTTI, 2019, p. 17), “[...] em virtude das dificuldades criadas pela Revolução Farroupilha”. A Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, foi um conflito de caráter republicano que almejava a independência do Rio Grande do Sul em relação ao Império. Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi ficaram conhecidos na História por, além de viverem um romance, serem revolucionários e combaterem na Revolução Farroupilha contra o Império. Paulo Margutti diz que “Antes da mudança, porém, Nísia fez amizade com Giuseppe Garibaldi, que comandava a Marinha da República Rio-grandense, e com Anita, sua esposa.” (MARGUTTI, 2019, p. 17). A amizade de Nísia com Giuseppe e Anita Garibaldi confirma o espírito revolucionário de Nísia que também desejava o fim do governo imperial e a instauração de uma república.

Chegando ao Rio de Janeiro, fundou em 1838, o Colégio Augusto, que oferecia um conteúdo diferenciado do que comumente era oferecido nas escolas de meninas no século XIX.

Nísia, enquanto diretora do colégio, vinha praticar, no cenário mais amplo da Corte, suas aptidões de pedagoga, que já exercera em Porto Alegre, onde tinha se aprofundado no estudo das humanidades. Ela chegou ao Rio ostentando uma cultura invulgar para seu sexo, revelando-se, segundo Câmara, “o mais extraordinário caso de autodidatismo neste país”. (MARGUTTI, 2019, p. 17).

Quando a maioria das escolas ensinava as suas alunas apenas conteúdos que viessem a fazê-las se tornarem boas donas de casa, boas esposas e boas mães, Nísia, além de ensinar tudo isso, ensinava também, de acordo com (VALADARES, 1989, p. X) “[...] Latim, Caligrafia, História, Geografia, Religião, Matemática, Português, Francês, Italiano, Inglês, Música, Dança, Piano, Desenho e Costura” algumas dessas, disciplinas que até então só podiam ser ensinadas a meninos. Sofreu duras críticas de pessoas que acreditavam que ela estaria transgredindo regras que iriam futuramente prejudicar a sociedade, afinal de contas, para a maioria das pessoas daquele período, as mulheres não deveriam aprender nada além de regras de etiqueta, cozinhar, e costurar para agradar seus futuros maridos.

Em 1849, Nísia deixou o Colégio Augusto sob direção de alguém em quem confiava e partiu para a Europa com seus dois filhos, no navio francês chamado *Ville de Paris*. (DUARTE, 2005, p. 52). “Seu primeiro endereço em Paris foi Rue d’Enferm, 11.” (DUARTE, 2005, p. 52). Não existem registros concretos sobre quem dirigiu o Colégio durante esse tempo em que Nísia viveu na Europa, o que se sabe é que as atividades do Colégio Augusto não foram encerradas “E embora Nísia tenha voltado duas vezes ao Brasil - de 1852 a 1856 e, outra vez, de 1872 a 1875 - não há evidência de que, durante esses períodos, ela tivesse reassumido sua posição à frente do educandário.” (VALADARES, 1989, p. XIII).

De acordo com (VALADARES, 1989), conta-se que a viagem de Nísia para a Europa foi motivada por uma queda de cavalo que a filha de Floresta sofreu, e os médicos, por esse motivo, havia lhe recomendado uma “mudança de ares”. Nísia partiu com destino a Havre, na França, em companhia da filha Lívia, e do filho Augusto Américo. Peggy Sharpe Valadares ainda comenta a possibilidade da mudança de Nísia para a Europa ter sido uma fuga, uma vez que ela vinha sofrendo perseguições da sociedade devido as suas ideias.

Serão vinte e oito anos em terras estrangeiras, com apenas dois retornos a pátria. Em seu exílio voluntário, Nísia vai percorrer países e mais países, publicar outros livros e, principalmente, relacionar-se com alguns dos

principais intelectuais, cientistas e aristocratas do Velho Mundo. (DUARTE, 2002, p. 18).

Antes de se fixar na França, ela viajou por diversos países da Europa, como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Grécia e Itália (DUARTE, 2010). Na França, em 1851, Nísia Floresta conheceu pessoalmente o filósofo Auguste Comte, no Auditório do Palais Cardinal, ao assisti-lo divulgando suas ideias. Comte foi o fundador da filosofia positivista, filosofia essa, que tinha como princípio característico a devoção à ciência e entendia as mulheres como um importante instrumento de transformação social. Ele acreditava que as mulheres deveriam ser bem instruídas e educadas para assim serem boas auxiliaadoras de seus maridos e educar bem seus filhos, contribuindo dessa forma, para o progresso da humanidade. Auguste Comte valorizava o saber científico e considerava-o um dos pilares para um desenvolvimento social satisfatório. Ele criou em 1846, a partir do positivismo, a Religião da Humanidade, declarando-se o seu Sumo Sacerdote (DUARTE, 2002). ““Viver para outrem – A família, a Pátria, a Humanidade” é o principal lema da Religião Positiva, que pregava o altruísmo como a maior das virtudes.” (DUARTE, 2002, p. 78).

De volta ao Rio de Janeiro em 1852, Nísia publica um de seus mais famosos livros: “Opúsculo Humanitário”, onde trata da questão da educação feminina de forma emocionada e revoltada, reivindicando, como sempre fazia, uma educação de qualidade para as mulheres que viviam no Brasil, depois de fazer uma comparação dessas mulheres, com as mulheres que viviam em outros lugares do mundo. Em Opúsculo Humanitário, Nísia Floresta fala da necessidade dessas mulheres serem educadas, não somente cientificamente, mas também moralmente e religiosamente, para assim se tornarem boas esposas e saberem educar seus filhos, o que mostra certa aproximação com as ideias positivistas de Auguste Comte e uma mudança de discurso de Nísia em relação ao seu primeiro livro publicado em 1832, que era mais radical.

Nísia Floresta foi uma mulher que viveu em um período em que as mulheres necessitavam urgentemente de mudança no modo de vida em geral, e não se davam conta disso. Ela, com sua mente iluminada pelo conhecimento, levou esperanças de um futuro mais livre para essas mulheres do século XIX.

Floresta morreu na França no ano de 1885, mais especificamente em Rouen. A causa da morte foi pneumonia, mesma doença que havia vitimado sua mãe em

1855. Ambas morreram aos setenta e cinco anos (VALADARES, 1989). “Em 1954, o governo do Estado do Rio Grande do Norte providenciou o traslado de seus despojos, e construiu um mausoléu na cidade em que ela nasceu, e que hoje leva seu nome.” (DUARTE, 2010, p. 11). Nísia deixou uma extensa bibliografia: *Direito das mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), *Conselhos à minha filha* (1842), *Fany ou o modelo das donzelas* (1847), *Daciz ou a jovem completa* (1847), *Discursos que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), *A lágrima de um Caeté* (1849), *Dedicação de uma amiga* (1850), *Opúsculo Humanitário* (1853), *Páginas de uma vida obscura* (1855), *Itinéraire d’un Voyage en Allemagne* (1857), *Scintille d’un´ anima brasiliana* (1859), *Trois ans em Italie, suivis d’un Voyage em Grèce* (1864), *Le Brésil* (1871), *Fragments d’un ouvrage inédit – Notes biographiques* (1878).

Além dos livros, Nísia deixou escritos em jornais de seu tempo, porém, a sua forma de assinar dificulta a identificação dos mesmos, pois, de acordo com (VALADARES, 1989, p. XXI), “[...] afora as iniciais B.A., ela, conforme Mariz, não raro simplesmente punha no lugar da assinatura três asteriscos ou, mesmo, não assinava nada”. Isso possivelmente se dava para evitar perseguições por causa das suas ideias revolucionárias.

3 O FEMINISMO NISIANO

Nísia Floresta não se intitulou feminista, provavelmente porque, naquele período em que viveu, essa palavra possuía um significado diferente do que ganhou mais adiante, e se relacionava apenas as características físicas e atitudes consideradas femininas. De acordo com o texto “O que é feminismo?” de Pan Montserrat Barba, foi somente no final do século XIX, como dito anteriormente, que a palavra “feminismo” veio representar a luta das mulheres por seus direitos. Com base nisso, entendemos que Nísia, por ter iniciado essa luta no Brasil, veio somente mais tarde, a ser reconhecida como feminista.

No Colégio Augusto, inaugurado em fevereiro de 1838, Nísia Floresta pôde pôr verdadeiramente em prática, o seu plano feminista, ou seja, o seu plano de dar uma educação feminina libertadora para as meninas de seu tempo. De acordo com (DUARTE, 2010, p. 17) “Esta escola, segundo depoimento de todos os que sobre ela escreveram, trouxe avanços consideráveis para a educação de seu tempo.” Nesse colégio, Nísia oferecia uma educação de qualidade, para que aquelas meninas fossem boas não só para o lar, mas também para o mundo fora dele. Ensinava-lhes as ciências, que lhes dariam a emancipação do lar e as preparariam para os diversos setores empregatícios da sociedade, que até então, só empregavam homens, porque apenas os homens tinham conhecimento científico.

Ao afirmar que “a virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada, como na pública” e ao considerar a ciência o “meio necessário para se alcançar uma e outra”, Nísia Floresta apenas justificava a necessidade imperiosa de que as mulheres tivessem acesso ao estudo, como no momento em que faz a seguinte indagação: “Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência”. (DUARTE, 2005, p. 25).

Nísia entendia que para quebrar esse ciclo da ignorância era preciso inovar, e apesar de ao ler o anúncio de seu colégio não se notar grandes diferenças dos demais, em relação às disciplinas e a educação oferecida, na prática essa diferença existia. Constância Lima Duarte, em seu livro “Nísia Floresta” (2010), cita uma nota publicada no Jornal do Comércio, em 1838, anunciando a inauguração do Colégio Augusto, que viria trazer uma grande evolução na educação feminina no Rio de Janeiro.

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na Rua Direita nº 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. (DUARTE, 2010, p. 16).

Na maioria das escolas para meninas que havia naquele período, eram oferecidos, através de professores despreparados, um conteúdo limitado que Nísia Floresta considerava de pouca substância, ou seja, pouco útil para a vida daquelas meninas que precisavam ir além de coser e bordar. Além disso, algumas dessas escolas eram dirigidas por estrangeiros, o que Nísia não considerava certo, pois para ela só um brasileiro saberia direcionar a educação de acordo com as necessidades do seu Império. Floresta, com sua intenção de emancipar as mulheres, oferecia em seu colégio o ensino de Latim, apesar disso não estar explícito no anúncio, possivelmente por estratégia para evitar mais perseguições.

As críticas a seu método pareciam emergir do empenho de Floresta em ensinar línguas às meninas. [...] Entre as propagandas de escolas para moças, nenhuma propunha o ensino de letras clássicas. O latim era usado apenas pelo clero católico e era considerada uma língua destinada à ciência e à produção acadêmica no século XIX. Essa língua era ensinada aos meninos no liceu e nos seminários e constava entre as disciplinas exigidas para a entrada em instituições de ensino superior, como faculdades de ciências jurídicas ou escolas de medicina. Às meninas não se ensinava latim, pois elas não frequentariam tais instituições. (LONZA, 2019, p. 52).

O feminismo nisiano, tinha como base a educação. Apesar de não haver registros suficientes para comprovar, é possível que o método pedagógico em que Nísia Floresta se baseava fosse o método lancasteriano, já que era esse o método mais utilizado no Império, desde 1827. Esse método consistia, dentre outros princípios, em usar como monitor o aluno que mais se destacava, para auxiliar aos demais (LONZA, 2019). A principal bandeira do feminismo nisiano era a educação. Era por meio da educação que Nísia acreditava que mudaria o destino dos brasileiros, principalmente das mulheres brasileiras. A luta feminista de Nísia, apesar de incomodar o patriarcado, tinha o objetivo de melhorar a sociedade brasileira para

homens e mulheres, porque Nísia sabia que a mulher emancipada, vivendo lado a lado com os homens por vontade própria, de igual para igual, como protagonistas da própria história, trariam a ordem e o progresso, tanto pessoal, quanto para a família e para a pátria. Mas ninguém se importava em saber se era ou não para o bem de todos os brasileiros a sua luta por educação e emancipação feminina, Nísia era condenada até mesmo por quem ela mais defendia. Constância Lima Duarte expressa que:

Naturalmente – até então como não podia deixar de ser – Nísia recebeu em troca o desprezo, a difamação e o esquecimento, principalmente da parte de seus conterrâneos. Sua figura foi envolvida por um manto de mistério em sua terra natal e durante algumas dezenas de anos não se ouviu falar dela. O pouco que se ouvia estava marcado pelo preconceito, ou impregnado de surpresa de se encontrar uma história de vida como a sua e uma obra contendo reflexões tão avançadas, em pleno meados do século XIX. (DUARTE, 2005, p. 15).

Em primeiro lugar, Nísia Floresta queria o acesso à educação científica e ao conhecimento para as mulheres, depois, a emancipação delas para a vida fora do lar. Essa era a estratégia de Nísia para libertar as mulheres e melhorar a vida de todos. Entende-se que a luta de Nísia era por educação, ordem e progresso, era essa a estrutura do feminismo nisiano e de sua filosofia da educação para meninas. Esse era o melhor caminho que Nísia enxergava para alcançar uma sociedade mais justa e mais próspera, pois, para ela, era um absurdo ver, por exemplo, as mulheres pobres perdendo seu tempo em casa, sem nada fazer para ajudar seus maridos nas despesas, sem nada saber para ensinar de útil aos seus filhos, apenas porque não tinham orientação alguma sobre o quanto isso seria importante para a vida familiar e social. Após em um de seus escritos analisar a vida social das mulheres em diferentes nações, sobre as mulheres brasileiras menos favorecidas socialmente, Nísia comenta:

Diferentes das mulheres pobres das nações que mencionamos, as nossas pouco se ocupam em geral do dia seguinte, isto é, de ajuntar, por meio de uma indústria honesta e de razoáveis economias, com que prover no futuro as suas necessidades. (FLORESTA, 1989, p. 124).

Em “Opúsculo Humanitário”, que foi escrito em 1852, ou seja, 15 anos após a Inauguração do Colégio Augusto, Nísia Floresta deixa explícito o teor do seu feminismo em suas primeiras formulações, quando clama urgentemente por educação para as mulheres do Brasil dizendo: “Enquanto pelo velho mundo vai

ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do Império de Santa Cruz, clamando – educai as mulheres!” (FLORESTA, 1989, p. 29).

A educação pela qual Nísia clamava não era apenas a educação científica. Considerando o contexto em que vivia, percebia a necessidade urgente de uma educação moral para aquelas mulheres que começavam a vestir suas filhas ainda crianças, com trajes desconfortáveis como espartilhos, para garantir um corpo que agradasse aos homens e facilitasse assim, a conquista de um futuro casamento, que era a única ambição que essas mulheres poderiam ter e era só para isso que preparavam suas filhas. A posição social privilegiada de Nísia a permitia perceber que havia uma crise moral e educacional que atingia a sociedade brasileira e ela utilizava o seu saber para alertar quem porventura lhe desse a atenção merecida.

Educai o coração da mulher, esclarecei seu intelecto com o estudo de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-los; purgai a sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz. (FLORESTA, 1997, apud. DUARTE, 2005, p.118).

Nos Oitocentos, grande parte da população feminina do Império do Brasil vivia na total ignorância, eram mulheres analfabetas em sua maioria. Mesmo algumas delas sendo parte da nobreza e tendo recursos para obter conhecimento científico, não buscavam esse conhecimento, porque isso não era considerado coisas de mulher e até dificultaria o casamento.

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado de querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha. (FLORESTA, 1989, p. 67).

Em uma sociedade assim, não dava para partir para a luta por emancipação, sem antes educar essas mulheres e convencê-las de que era preciso, também, educar suas filhas e seus filhos, de maneira diferente do que vinha sendo feito. Não fazia sentido para Nísia os homens relacionarem uma mulher instruída com uma mulher sem princípios morais, visto que o Império do Brasil, sem oferecer instrução

às mulheres, já se encontrava em uma situação social imoral, Nísia analisa e questiona:

Era quase geral a opinião, como dissemos, que a instrução intelectual era inútil, quando não prejudicial, às meninas. Mas é porque aqueles que propalavam tão absurdo princípio não faziam esta simples observação posta ao alcance da inteligência ainda a mais míope, e para a qual lhes não era preciso revolverem a história dos outros povos: as mulheres brasileiras, baldas de toda a sorte de instrução, eram elas citadas como as mais virtuosas e severas nos princípios morais? Subtraíam-se assim melhor à cilada das seduções armadas à inexperiência ou à credulidade do sexo? (FLORESTA, 1989, p. 68).

Sendo assim, é compreensível a diferença nas reivindicações contidas no livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832) e *Opúsculo Humanitário* (1852), pois no primeiro, havia uma influência inglesa, ou seja, havia uma influência de ideias presentes em uma sociedade que estava a frente na luta por direitos femininos, enquanto em *Opúsculo Humanitário*, Floresta, depois de fazer comparativos entre mulheres de diferentes civilizações, foca na situação da atrasada sociedade brasileira e na necessidade de começar do zero que existia no Brasil Império, que até o início do século XIX, não possuía nenhuma academia, nem escola regular, e quando surgiram as primeiras, apenas os meninos podiam estudar (FLORESTA, 1989). Em relação a situação educacional das meninas Floresta diz:

Embalde tentaria ela instruir-se em qualquer outra coisa, a não ser nas ocupações materiais da vida doméstica, porquanto as lições que recebiam algumas meninas, nas casas intituladas escolas - onde, sentadas por terra em pequenas esteiras ou toscos estrados, abrindo de vez em quando, sobre a almofada de renda ou de costura que faziam com rigorosa tarefa, errados manuscritos, e a cartilha do Padre Inácio¹²⁵ que lhes iam materialmente explicando - eram tão mal dirigidas e por vezes tão perniciosas, que tendiam antes a estreitar do que a dilatar-lhes o espírito, a viciá-lo, antes do que enobrecê-lo. (FLORESTA, 1989, p. 57).

Para Nísia, a mulher deveria ter capacidade intelectual para saber o que era melhor para si e para sua família. A luta de Nísia era para que essas mulheres fossem mais que reprodutoras de outros seres humanos, fossem realmente mães que soubessem conduzir seus filhos pelo melhor caminho e colocasse a partir da educação, ordem no ambiente doméstico, o que logicamente iria refletir fora dele. Nísia lamentava e se preocupava muito com a situação das mulheres brasileiras.

É na verdade para lastimar ver algumas de nossas meninas – possuindo aliás os necessários elementos para tornarem-se excelentes mães de

famílias e mulheres notáveis - entregues ao torpor de uma má educação, dormirem até alto dia, levantarem-se maquinalmente e vagarem pelo meio da família em completo desalinho, sem uma ideia do nobre fim para que foram criadas, sem um estímulo para as crianças e a ordem que as deviam conduzir a ele. (FLORESTA, 1989, p. 120).

Nísia Floresta explica, em “Opúsculo Humanitário”, que a falta de sucesso de uma civilização é consequência do modo como as mulheres são nela tratadas, e cita alguns exemplos de civilizações que também não evoluíam devido a esse problema educacional, como por exemplo, o Egito, onde a beleza física era o único mérito real da mulher. Na Grécia, segundo Nísia Floresta, as mulheres vinham conseguindo espaço e sendo mais reconhecidas, porém, não eram mulheres cristãs, já que de acordo com ela, os gregos tropeçaram nas trevas do paganismo, o que para ela teria sido o grande erro que havia prejudicado o desenvolvimento social daquele povo. Sobre religião, Nísia diz:

A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro que se deve admirar de longe, sendo que o seu contato infecciona o ar que respiramos. É a religião que fortifica e realça as qualidades feminis, e ela ainda que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres e o conduz ao exato cumprimento deles. (FLORESTA, 1989, p. 134).

Nísia, entendia que a religião poderia direcionar as mulheres e a sociedade em geral para o melhor; para o progresso; acreditava que ela tinha o poder de colocar a sociedade em ordem e estabelecer uma moral necessária para a vida em sociedade, naquele período de caos social. Nísia via uma esperança na religião se bem organizada, mas enxergava muitas falhas no sistema religioso brasileiro e observava que essas falhas nesse sistema, juntas as falhas no sistema educacional, poderiam, se não fossem concertadas rapidamente, condenar a sociedade brasileira ao fracasso moral.

Não há espírito religioso em nossa terra que não lastime o desregramento e a ignorância da maior parte do nosso clero. É ainda este um filho póstumo do clero de sua antiga metrópole. Não temos a sublime pena nem a tarefa do grande historiador A. Herculano para esboçar sequer as calamidades que acarreta a qualquer país um clero ignorante e desmoralizado. Seja-nos, porém, permitido observar de passagem, que é dessa fonte, principalmente, que manam os incentivos, senão a causa primária da desordem das gerações que se têm até hoje sucedido. (FLORESTA, 1989, p.135).

Ainda em Opúsculo Humanitário, ela compara as civilizações atrasadas na educação feminina, com outras civilizações mais avançadas, como por exemplo, a

França, que não negava instrução as mulheres, e os Estados Unidos, sobre o qual ela faz um comentário visionário a respeito.

Quando um tal modelo de perfeições morais se patenteia nos Estados Unidos, julgamos ocioso tudo o que pudéssemos acrescentar, para provar o desenvolvimento progressivo da educação da mulher nessa Europa da América, que excederá bem cedo a todas as nações do mundo pelo gênio empreendedor de seus habitantes e pelo espírito de associação e de comércio que vai tão grandemente desdobrando. (FLORESTA, 1989, p.41-42).

Em 1852, ela já tinha a capacidade de perceber que os Estados Unidos, se continuasse caminhando da forma que estava, se tornaria potência mundial, o que de fato aconteceu. Nísia estava certa que todas as civilizações que valorizavam a mulher e o saber científico feminino, estavam progredindo, ao contrário do Império Brasileiro, que não seguia esses exemplos. Ou pouco ou muito, a objetificação da mulher era percebida por Nísia em todo mundo, porém no Brasil não havia esforços para mudar essa situação; não parecia de interesse do patriarcado a humanização das mulheres.

Nísia mostra em seus escritos que o problema do Império do Brasil foi o modo como ele se estruturou. Desde a colonização, vieram e foram trazidos de Portugal para o Brasil, em sua maioria, os homens mais cruéis e tiranos, que tinham sede de ouro, ambições sanguinárias e comportamento opressor, não havia o que esperar de uma sociedade construída e dominada, há séculos, por uma grande quantidade de homens dessas características. Esses homens não tinham interesse algum em dividir o protagonismo da História com as mulheres. Nísia diz o seguinte sobre os colonizadores:

Mas todos sabem que não de homens tais e, sim, de pessoas vulgares, de aventureiros intrépidos, ou de condenados pelas leis do seu país se compunha a maior parte das expedições que aportavam às praias brasileiras e iam povoando, pouco a pouco, este imenso território, disputando-o muita vez atrozmente a seus legítimos possuidores, que por tanto tempo gereram sob o jugo iníquo do cativo. (FLORESTA, 1989, p. 53).

Não se podia esperar apoio da maior parte desses homens que herdaram esses comportamentos absurdos dos colonizadores, para que houvesse uma educação de qualidade sendo oferecida as mulheres, já que para eles, as mulheres não eram consideradas seres pensantes, e se não eram pensantes, não deveriam fazer nada além de serviços domésticos. Era preciso uma reforma na educação,

uma vez que essas mulheres, por sua vez, possuíam maus hábitos e, desde a colonização, estavam acostumadas a viver na ociosidade, somente se preocupando com futilidades, e sequer amamentando os próprios filhos, que eram entregues as mulheres escravizadas para serem amamentados, e isso, para Nísia Floresta, trazia consequências negativas para a alma dessas crianças, já que estavam sendo aleitadas por mulheres que eram torturadas, o que futuramente refletiria em seus comportamentos na vida adulta. Nísia desejava que as mães tomassem consciência, e afastassem seus filhos da violência sofrida pelos escravizados.

Todo o serviço do interior das famílias sendo feito entre nós por escravos, a menina acha-se desde a primeira infância cercada de outras tantas perniciosas lições, quanto são as ocasiões em que observa os gestos, as palavras e os atos dessa infeliz raça, desmoralizada pelo cativo e condenada à educação do chicote. Sua nascente sensibilidade se habitua gradualmente a esse espetáculo afligido, repetido quase diariamente à sua vista. Não é raro ver ela (com horror o dizemos) infligir o mais cruel tratamento à própria ama que a amamentou, a qual é alguma vez indiferentemente vendida ou alugada como um fardo inútil, apenas acaba de ser-lhe necessária. Esta revoltante ingratidão é um dos mais detestáveis exemplos dados à menina, que, tendo um dia de ser mãe, o transmite por seu turno a seus filhos. (FLORESTA, 1989, p. 96).

Nitidamente, as mulheres do Império precisavam de uma mulher como Nísia Floresta naquele momento, para que elas fossem despertadas para a vontade de mudança, de emancipação e de progresso. Em suas obras é sempre muito clara a influência positivista, porém ela filtrava muito bem a filosofia positivista de modo que nunca defendeu a suposta inferioridade natural da mulher.

A ideia positivista de “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim” se coadunava muito bem com o feminismo nisiano, pois Floresta entendia que era exatamente disso que a sociedade brasileira precisava no momento, porém esse progresso para Floresta incluía a emancipação da mulher. Ela sabia que não seria fácil, porém tinha muita esperança no futuro.

A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar de sua sorte presente. Entretanto, sigamos o exemplo do pobre e corajoso explorador de nossas virgens florestas, exposto aqui e ali à mordedura de venenosos répteis, para rotear um campo que outros terão de semear e de colher-lhe os saborosos frutos... Felizes nós se pudéssemos conseguir o primeiro resultado desse trabalho, que muito nos lisonjearíamos de oferecer às nossas conterrâneas como penhor do verdadeiro interesse que elas nos inspiram. (FLORESTA, 1989, p. 45-46).

Sobre os indígenas, Nísia Floresta lamentava o desaparecimento de aldeias, que começou a ocorrer desde a colonização, e questionava o que foi feito com aquelas inúmeras raças indígenas que tantos serviços prestaram as províncias. A luta feminista de Nísia incluía as mulheres indígenas. Floresta chamou a atenção da sociedade em seus escritos para a situação das mulheres que não tinham o privilégio de serem ouvidas. Em *Opúsculo Humanitário* ela demonstra toda a admiração que tinha por elas.

Quereis ver a mãe na sublime simplicidade do amor materno? Contemplai as indígenas em todas as correrias que eram e são forçadas a fazer, seguindo os maridos através dos bosques, perseguindo ou fugindo ao inimigo, sobrecarregadas dos filhinhos, além dos objetos que são obrigadas a levar. [...] Ide vê-las, hoje mesmo, como nós as vimos, nos restos de algumas aldeias, ao norte e ao sul do Rio de Janeiro, desenvolverem, no estado intermediário do selvagem e civilizado, ligadas dia e noite a seus filhinhos por mais fortes vínculos de natural afeição do que muitas mães da nossa sociedade, não deixando-os, como muitas destas, em seio estranho, alguma vez mesmo enfermos, para irem tomar parte nos prazeres do mundo, ou satisfazerem uma etiqueta da sociedade. (FLORESTA, 1989, p. 147-148)

Em pleno século XIX, Nísia Floresta lutou por mudanças necessárias. Ser a primeira mulher que teve a chance e reivindicou os direitos de todas as outras mulheres, foi um ato de coragem e empatia. Seu feminismo, ao contrário do que pensava o patriarcado, não era imoral. Nísia lutava por educação moral, ética e religiosa, pois estas, para ela, trariam a ordem social necessária que faltava naquele contexto, mas, ela exigia também o acesso das mulheres à educação científica, que traria a emancipação das mulheres, estimularia a criticidade e as fariam pensar por si mesmas, para que se fosse preciso ou se quisessem, pudessem ser independentes de seus maridos. Nísia Floresta lutava, mas reconhecia que a situação era caótica, pois via apenas uma minoria de mulheres tomando consciência da situação social brasileira, que precisava urgente de uma reforma.

Não é, porém, a falta de erudição que mais devemos lamentar: ela poderá desaparecer mais tarde. A luz brilha nas trevas e para logo as trevas deixam de existir. A ignorância de nossas mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que as tornem dignas de renome. Mas o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação que, como incêndio, vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar. (FLORESTA, 1989, p.101-102).

Floresta entendia que se não houvesse rapidez e interesse do governo e da sociedade em educar para tais mudanças já mencionadas, os maus hábitos e costumes iriam deixar marcas na sociedade brasileira, que nem mesmo o acesso à educação iria conseguir apagar, ou seja, a sociedade estaria corrompida, porém instruída. Nísia Floresta mais uma vez mostrava seu caráter visionário. O feminismo de Nísia não tinha a intenção de colocar as mulheres em uma posição social acima dos homens, desejava apenas levá-las ao mesmo patamar social, o que seria bom para todos.

De quanto tenho dito até o presente não tem sido com a intenção de revoltar pessoa alguma de meu sexo contra os homens, nem de transformar a ordem presente das coisas, relativamente ao Governo e a autoridade. Não, fiquem as coisas no seu mesmo estado: eu pretendo somente fazer ver que meu sexo não é tão desprezível como os homens querem fazer crer, e que nós somos capazes de tanta grandeza d'alma como os melhores desse sexo orgulhoso; e estou mesmo convencida que seria vantajoso para os dois sexos pensar desta maneira. (DUARTE, 2005, p. 81-82, In: Direito das mulheres e injustiça dos homens).

Floresta refere-se ao sexo masculino como sexo orgulhoso, pois, para ela o patriarcado não aceitava, por orgulho, a capacidade feminina, e isso levava a que as mulheres não estivessem em uma posição social melhor. Nísia entendia que sem as mulheres estarem sendo tratadas de igual para igual em questões de direitos e deveres na sociedade, as mesmas não avançariam. Ela entendia que a mulher precisava de espaço na sociedade para causar uma transformação social; uma revolução em seu tempo, que beneficiaria a todos.

O orgulho masculino na defesa de sua superioridade impedia muitas mulheres de serem educadas, de se emanciparem e de fazerem algo de bom pelo próprio lar nos Oitocentos. O que Nísia dizia temer em Opúsculo Humanitário de certa forma aconteceu, pois, por mais que a luta feminista tenha continuado ficaram marcas na sociedade até os dias atuais. A má educação recebida por meninos e meninas e a opressão às mulheres, deixou vestígios difíceis de apagar.

4 A RELAÇÃO ENTRE O FEMINISMO E O POSITIVISMO

Antes de começar a comentar mais especificamente sobre a relação existente entre o feminismo e o positivismo, é importante conhecer um pouco mais sobre Auguste Comte. Isidore Auguste Marie François Xavier, mais conhecido como Auguste Comte, nasceu na França, na cidade de Montpellier, em 19 de janeiro de 1798 (SOARES, 1998).

Filho de Luiz Comte e Felicidade Rosália Boyer (SOARES, 1998), seus pais eram pequenos burgueses, católicos e monarquistas (DUARTE, 2002). Antes de ser internado no Liceu de Montpellier aos nove anos, aprendeu a ler e a escrever em casa, com a ajuda da mãe e de um professor particular (SOARES, 1998). No internato de Montpellier, Comte recebeu uma educação rígida, que mais tarde iria refletir em sua personalidade. Interno de notável sabedoria, ele terminou os estudos aos catorze anos, porém continuou no Liceu a pedido do diretor para que começasse o estudo das ciências (SOARES, 1998). A partir daí Comte se destacou como professor sendo reconhecido pelos colegas e professores. Constância Lima Duarte diz que:

Aos 16 anos, ingressou na Escola Politécnica de Paris, criada em decorrência da Revolução Francesa e do desenvolvimento da ciência e da técnica, da Revolução industrial. Tal experiência teve significativa influência na orientação posterior de seu pensamento, pois teve a oportunidade de conviver com o matemático Lagrange (1736-1813), com o físico Sadi Carnot (1796-1832) e com o astrônomo Pierre Simon Laplace (1749-1827). (DUARTE, 2002, p. 54).

Aos vinte anos, só e sem emprego (SOARES, 1998), Comte recebe em 1817 a oportunidade de secretariar Saint-Simon, importante filósofo francês. Auguste Comte, que foi influenciado pelo esdrúxulo Saint-Simon (SOARES, 1998), reformulou suas ideias de reorganização da sociedade e criou o Positivismo. Em 1824 Comte é despedido por discordar frontalmente das ideias de Saint-Simon (DUARTE, 2002). Dois anos depois, em 1826, Comte passou a oferecer um curso de filosofia positiva em sua própria residência (DUARTE, 2002). “[...] nomes importantes da época frequentaram suas aulas, como o filósofo Henri-Marie de B. Blainville (1777-1850) e o psicólogo Jean-Étienne Esquirol (1772-1840).” (DUARTE, 2002, p. 55). Mozart Pereira Soares diz que:

Aos maiores doutos de seu tempo, Blainville, Claude Bernard, Alexandre Von Humboldt e outros, dedicou sua vida a explanação do Curso de Filosofia Positiva. Mas quando entendeu levá-la ao Povo, nas conferências sobre Astronomia Popular, escolhendo a ciência que melhor poderia oferecer uma imagem da invariabilidade das leis que nos permitem o entendimento mais claro do mundo, preferiu um auditório de mulheres e proletários, “livres de toda a cultura artificial”. (SOARES, 1998, p. 10)

Como já se sabe as mulheres do XIX, assim como os proletariados, não tinham acesso a uma boa instrução, possivelmente Comte sabia que por esse motivo seria mais fácil conquistar entre eles e elas, seguidores para sua doutrina.

O positivismo de Comte tinha como lema “O amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim.” (SOARES, 1998.p. 10). De acordo com Mozart Pereira Soares essas palavras tinham para Comte, um sentido especial:

O amor, simpatia universal, é o sentimento que melhor explica a unidade humana: o homem é um ser que gravita compulsivamente para seus semelhantes pelo afeto. Não há, por isso, castigo mais cruel do que o isolamento. Ordem, na frase, não significa disciplina, mas respeito aos princípios invariáveis ou conjuntos de leis que regem o mundo e a humanidade; finalmente, progresso tem sua semântica particular. Não significa desenvolvimento material, mas aperfeiçoamento das instituições sociais. (SOARES, 1998, p. 10).

Filho de pais católicos, Auguste Comte, que sempre contestou o catolicismo, fundou a partir do positivismo, em 1847, a Religião da Humanidade, que visava colocar ordem na humanidade como um todo, “[...] sem Deus nem Rei, mas edificar com uma religião fundamentada no amor universal, tendo como alvo final a conquista da unidade humana e a Paz estável.” (SOARES, 1998, p. 9). Comte acreditava em uma utopia, uma vez que, levar a humanidade a um progresso através de um comportamento social unificado implicaria na imposição de regras que naturalmente não seriam aceitas em sua totalidade por todos os povos. Foi o que aconteceu com Nísia Floresta, que simpatizou com o positivismo, porém não aceitava tudo que essa doutrina, filosofia e religião de Comte, estabeleciam.

Analisando as principais obras de Nísia Floresta e dos autores que dela trataram: Constância Lima Duarte, Peggy Sharpe Valadares, Paulo Margutti, Nathalie Bernardo da Câmara, Gabriel Battazza Lonza e Mozart Pereira Soares, observa-se que existiu uma sutil, porém, evidente e importante relação, entre o feminismo precursor de Nísia Floresta e o positivismo de Auguste Comte.

A filosofia positivista chegou ao Brasil em meados do século XIX, por meio de pessoas da nobreza, que tiveram a oportunidade de estudar na Europa. Dessa

forma a filosofia positivista chegou até Nísia Floresta, que devido a luta que já travava em favor das mulheres e a situação social em que se encontrava o Império do Brasil, logo se identificou com suas ideias. Constância Lima Duarte diz:

Mas dentre todas as narrativas de Nísia, uma poderia ser considerada a mais “positivista”, por conter referências explícitas à doutrina e expressões elogiosas a Auguste Comte. Seu título: “Um passeio no Jardim de Luxemburgo”. O fato de não ter sido datada impede que saibamos se esta foi uma homenagem ao filósofo enquanto ele vivia, ou se foi escrita após sua morte. Mas, conhecer sua data acrescentaria pouco ao que o texto indica: o reconhecimento do Positivismo como uma filosofia que destacava a importância do papel da mulher e o reconhecimento do fundador do positivismo como sendo alguém a quem é preciso render homenagens, justamente por haver concebido tal doutrina. (DUARTE, 2002, p. 36-37).

O positivismo se articulava perfeitamente com suas ideias de mudança social, porque o conservadorismo advindo do positivismo era muito menos prepotente que o conservadorismo que predominava no Brasil Império, o que para Nísia já seria um início de avanço para as mulheres, uma vez que na filosofia positivista, elas tinham seu espaço mais respeitado.

Como se tratava de um Feminismo *avant la lettre*, sem um corpo teórico estabelecido, nem condições de questionar a limitação dos papéis sociais femininos, as tarefas de esposa e de mãe terminam por se impor como sendo as funções primordiais da mulher. E o Positivismo ao privilegiar e dar um estatuto de santidade a estas funções, preenche o espaço de um pensamento capaz de reconhecer, com justiça, sua importância social. (DUARTE, 2002, p. 41).

Auguste Comte, francês considerado o fundador do positivismo, defendia em sua doutrina o conhecimento científico e colocava as mulheres em uma posição de valor, ou melhor, as considerava a base da vida social, dando a elas a responsabilidade pela ordem e progresso doméstico e público, por isso, permitia a elas o direito a instrução, para que pudessem influenciar bem sua família. Em um período e em um local como o Império do Brasil, onde as mulheres não eram respeitadas apenas por serem mulheres e eram consideradas seres irracionais, era realmente de se surpreender que chegasse uma doutrina filosófica que as permitissem o estudo, e as enxergassem como figura principal na estrutura social. Mesmo não deixando de submetê-las a dadas condições e limites, o positivismo atribuiu algum valor a mulher, e Nísia, por isso, se alia a ele.

O positivismo adquiria, assim, foros de uma ideia novíssima e, como pensamento socialista, pontificava nas publicações da época empolgando e

arrebanhando parte da elite intelectual burguesa mais jovem. Este – resumidamente – o mundo e o clima que Nísia Floresta encontrou aqueles personagens com os quais conviveu. Um mundo que trazia as questões sociais para a ordem do dia, que cada filósofo, a seu modo, tentava equacionar. (DUARTE, 2002, p. 33).

Nísia Floresta e Auguste Comte não concordavam em tudo, mas fica entendido, através dos escritos de Nísia, e também através das cartas que eles trocaram, entre os anos de 1856 e 1857, que o feminismo nisiano, ou seja, o feminismo inicial brasileiro sofreu influências positivistas, pois a relação entre Nísia e Comte era de intimidade e ela refere-se a ele sempre de modo muito reverenciador. Quando Comte morreu de insuficiência generalizada, em 1857, aos cinquenta e nove anos (DUARTE, 2002), Nísia Floresta, era uma das quatro mulheres que acompanharam o seu cortejo fúnebre ao *Père Lachaise* (DUARTE, 2002). Segue o trecho de uma das cartas trocadas entre Nísia Floresta e Auguste Comte.

Senhor, uma leve indisposição me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer em vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto o desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade de que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia. Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira que guardou religiosamente, a duas léguas de distância, a lembrança das palavras que o ouviu pronunciar há cinco anos no púlpito da igreja. (FLORESTA apud DUARTE, 2002, p.63).

Possivelmente, nesse trecho, Nísia mostra-se encantada com o que ouviu nas Conferências do Curso de História Geral da Humanidade, no Auditório do Palais Cardinal, em 1851 (DUARTE, 2002). Provavelmente foi depois de assistir essas conferências que Floresta estabeleceu uma ligação maior com o positivismo, vindo em 1856, a se aproximar de Auguste Comte e iniciar uma amizade cordial e respeitosa, que durou até a morte dele, no ano seguinte. (DUARTE, 2002).

Segundo (MARGUTTI, 2019, p. 226) Nísia “Frequentou por conta própria cursos de nível superior no Collège de France, quando de suas estadias em Paris.” Então, devido a suas vivências e seus estudos, Nísia tinha uma visão social do Brasil imperial muito nítida, e conseguia enxergar o melhor caminho para chegar ao ponto onde queria. A sua proximidade com Comte e o Positivismo não significava a sua adesão à doutrina, e sim uma troca de conhecimentos e agregação de ideias que contribuíram para a sua luta pelas mulheres brasileiras.

Essas aproximações e semelhanças, porém, são contrabalançadas por uma série de diferenças nas ideias de Nísia e Comte, que vão desde a maneira de

conceber o projeto geral de regeneração da sociedade até a política de implementação do mesmo. Realmente, Comte pretende regenerar moralmente a sociedade francesa para superar a crise provocada pela Revolução de 1789, ao passo que Nísia pretende superar as influências maléficas do colonialismo lusitano no Brasil recém independente, para encaminhar o país mais adequadamente à civilização. (MARGUTTI, 2019, p. 305).

Nísia Floresta tinha sua individualidade e um pensamento independente de qualquer filosofia, porque ela construiu a sua própria filosofia a partir do conhecimento que possuía. Nas palavras de Constância Lima Duarte:

Se buscarmos nos escritos de Nísia Floresta os testemunhos de sua adesão, veremos que eles são reduzidos e que esta foi uma adesão bem limitada, pois muitas das posições que assumiu – como a defesa da mulher, da abolição, do moralismo e da educação feminina – eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamentos. (DUARTE, 2002, p.28).

Comte admirava a inteligência de Nísia Floresta e a via como uma futura discípula, porém, Nísia Floresta tinha objetivos explícitos e personalidade forte, não era ortodoxa no seguimento de nenhuma doutrina, nem mesmo o catolicismo, a que, apesar de apoiá-lo, fez diversas críticas em um de seus escritos, por isso, é possível dizer que a relação existente entre o feminismo nisiano e o positivismo era de complementação, de união de ideias em favor do objetivo principal de Nísia, que era promover a liberdade feminina na sociedade através de uma reforma na educação. De acordo com (MARGUTTI, 2019, p. 305) “É claro que as circunstâncias e as motivações que levaram Comte e Nísia a desenvolver um tipo de conduta que vai do heterodoxo ao tradicional são diferentes em cada caso”. Floresta, inclusive, foi influenciada por outras correntes filosóficas, segundo Peggy Sharpe Valadares:

Nísia Floresta foi profundamente influenciada por quatro filosofias políticas em voga na metade do século XIX e pelas ideias daí decorrentes, a saber: a filosofia da Ilustração, o Idealismo romântico, o Positivismo e o Utilitarismo. (VALADARES, 1989, p. 21).

O pensamento nisiano foi construído a partir da reunião de diversos conhecimentos filosóficos. A filosofia da educação de Nísia Floresta se uniu a filosofia positivista de Auguste Comte, apesar dos objetivos relacionados à condição feminina de Nísia Floresta e Auguste Comte serem diferentes. Comte queria as mulheres educadas, porém submissas, como auxiliaadoras de seus maridos, já Floresta, queria as mulheres com saber científico, sabendo administrar um lar, mas

também como protagonistas da própria história, se assim elas quisessem ser. Comte almejava o progresso social, porém a mulher em seu discurso, apenas ficava com o posto de anjo, de rainha do lar e restrita a ele, e não era somente isso que Nísia queria.

À mulher, nessa sociedade positiva, cabia ser apenas companheira do homem: sua sombra, sem individualidade própria. Tratava-se, pois, da reiteração de um paternalismo arraigado que tradicionalmente já vigorava nas sociedades e que as mulheres mais lúcidas começavam a exigir sua extinção. (DUARTE, 2002, p. 75).

Por isso, nota-se que houve sim um diálogo entre o feminismo inicial no Brasil e o positivismo, no entanto, esse feminismo não pode ser chamado de positivista, uma vez que as ideias defendidas pela precursora do feminismo do Brasil vão contra importantes ideias positivistas.

A Humanidade, para o pensamento filosófico positivista, é composta de vivos, mortos e não nascidos, ou seja, passado, presente e futuro, e deve representar todos os homens em contínua solidariedade no tempo e no espaço. Todavia, com um pormenor importante: a Humanidade é formada apenas de homens, uma vez que as mulheres são consideradas seres inferiores pelas *leis irrevogáveis da natureza*. Elas participam da sociedade positiva, mas não da sociedade 'divinizada'. (DUARTE, 2002, p. 78).

O positivismo não defendia o objetivo principal de Nísia, que era a emancipação feminina através da educação, e ela cobrava e clamava sem medo: "Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?" (FLORESTA, 1989, p.2). Floresta esperava serem colocadas verdadeiramente em práticas as ideias liberais as quais o Governo dizia ter aderido, Nísia queria de fato, dentre outras mudanças a igualdade de direitos entre os cidadãos, homens e mulheres. Ela entendia que a educação oferecida às mulheres e o modo como a mulher era tratada em uma nação, mostrava o rumo que esta nação iria tomar, porque para Nísia a mulher tinha o poder de influenciar a sociedade.

Por mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos, concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda a sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens e, por conseguinte, nos destinos dos povos?. (FLORESTA, 1989, p. 157).

Essa ideia que Nísia Floresta tinha de que a mulher exercia uma forte influência no destino da humanidade era uma das ideias que Nísia tinha em comum com o positivismo de Auguste Comte. Analisando a história de luta de Nísia Floresta por direitos a educação para mulheres, compreende-se que o feminismo nisiano surgiu no século XIX, no Brasil Império, ao mesmo tempo em que o positivismo se desenvolvia na França e se disseminava pelo mundo, ou seja, esses dois grandes intelectuais se aproximaram devido aos ideais que tinham em comum, a propósito, possuíam muito mais ideias em comum do que divergências, porém divergiam em um ponto crucial: a condição feminina. Eles estavam em desacordo quando o assunto era a questão do papel social que a mulher teria segundo a filosofia de Auguste Comte.

Na doutrina comtiana, a superioridade feminina devia-se a uma suposta supremacia moral, afetiva e social da mulher e por ela ser capaz, no desempenho de seus papéis, de maiores provas de altruísmo. E o altruísmo era, segundo as palavras de Comte, “o mais eminente dos atributos superiores”. Cabia à mulher assumir a responsabilidade que o Positivismo lhe atribuía nos destinos da sociedade como um todo. (DUARTE, 2002, p. 39).

Comte parecia que intencionava direcionar as mulheres para uma posição de servidão, o que Floresta demonstrava, desde seus primeiros escritos, ser contra. Floresta não enxergava a sensibilidade feminina como empecilho para o desenvolvimento de uma vida fora do lar, e sim o oposto, para ela, isso as tornava ainda mais fortes e necessárias fora dele. Mas para Comte “A evolução moral do homem constituía a principal missão da mulher, na incomparável união matrimonial instituída para o aperfeiçoamento recíproco dos dois sexos” (Comte apud MARGUTTI, 2019, p. 209). Floresta já demonstrava sua posição a respeito da ideia de servidão do sexo feminino em seu primeiro livro publicado em 1832, “Direito das mulheres e injustiça dos homens”:

Se os homens concordam que a razão se serve tanto deles, como de nós, está claro que ela regerá igualmente tanto uns como a outros; mas o caso é bem diferente. Os homens não podendo negar que nós somos criaturas racionais, querem provar-nos a sua opinião absurda, e os tratamentos injustos que recebemos, por uma condescendência cega às suas vontades; eu espero, entretanto, que as mulheres de bom senso se empenharão em fazer conhecer que elas merecem um melhor tratamento e não se submeterão servilmente a um orgulho tão mal fundado. (Floresta apud DUARTE, 2005, p. 77).

A ideia da mulher limitada a ser a rainha do lar era incompatível com os ideais nesianos. Para Auguste Comte, a mulher somente era vista como um ser digno no papel restrito ao lar, que ele acreditava ser o único lugar que as mulheres deveriam ocupar na sociedade, para o bem da humanidade.

As mulheres não devem seguir os mesmos estudos que os homens. Dispensadas da vida ativa, as mulheres devem se limitar, em matemática, a um estudo mais lógico do que científico, para o qual basta uma única lição por semana. (COMTE apud MARGUTTI, 2019, p. 209).

Ou seja, Comte parecia impor um local social para a mulher, o que Nísia Floresta jamais concordaria, pois lutava por liberdade para as mulheres e era contra o despotismo masculino. Sobre a suposta superioridade da mulher na doutrina positivista, Constância Lima Duarte diz:

Os deveres que estavam por detrás desta suposta superioridade são previsíveis e encobriam apenas a real intenção de manter as mulheres num espaço único, longe de qualquer instância do poder, já o sabemos. “Viver para outrem”, ao fim, resumia o dever constante de manter-se passiva e de anular-se enquanto indivíduo. (DUARTE, 2002, p. 40).

Auguste Comte ganhou a admiração de Nísia Floresta, devido a possuírem projetos sociais parecidos, a vontade de pôr a sociedade em ordem e vê-la progredir. Acreditar que o amor seria a base para isso também era um pensamento que os dois tinham em comum, porém Floresta e Comte se distanciam na questão da situação social das mulheres, além disso, a doutrina de Comte era autoritária, pois como já dito anteriormente, Comte parecia impor regras que colocavam as mulheres em posição de submissão e conformismo, o que Floresta não concordava. Constância Lima Duarte comenta o seguinte sobre essas divergências existentes entre Nísia e Comte:

[...] enquanto a barca de Comte parece ir para um lado, a de Nísia Floresta busca outros portos. A dele esbarra na intolerância ao questionamento de seus “dogmas”; e na contradição patente entre o princípio do amor – “viver para outrem” – e o do autoritarismo, a que se soma a disciplina despótica da “Religião da Humanidade”. E termina por naufragar quando prega o princípio de força como o fundamento necessário ao governo, nega o direito natural, o pacto social e a liberdade de consciência. A barca de Nísia – felizmente, é preciso confessar – passa ao largo dessas turbulências e reencontra outros rumos que a levam em direção a um pensamento mais identificado com o liberalismo revolucionário. (DUARTE, 2002, p. 42).

Entende-se que Nísia abraçava o positivismo, concordava com a necessidade de educação moral, científica e religiosa, para que assim a sociedade chegasse à ordem social e ao progresso, porém, se distanciava do positivismo quando se deparava com a limitação feminina a vida doméstica. Constância Lima Duarte diz que:

Curiosamente, apesar do passado feminista de Nísia, e dos inúmeros livros que havia publicado a respeito da mulher brasileira, quando os positivistas se referem à escritora eles dão sempre preferência aos textos relativos à abolição e apenas enfatizam seu pensamento anti-escravocata. (DUARTE, 2002, p. 34).

Certamente isso acontece porque não seria conveniente para os positivistas associarem a “Nísia feminista” ao positivismo, já que os pensamentos feministas de Nísia e os pensamentos positivistas de Comte, se separam principalmente quando o assunto é a questão das mulheres na sociedade. Além disso, nunca foi uma ideia positivista promover a igualdade entre homens e mulheres. Usando termos atuais, o positivismo de Comte teria um viés machista. Paulo Margutti (2019), cita em seu livro um trecho do Catecismo Positivista, livro de Auguste Comte que demonstra bem onde os pensamentos de Nísia e Comte divergiam. Comte diz:

Sustentada inicialmente por seu pai ou seus irmãos, cada mulher é em seguida sustentada por seu esposo ou seus filhos. Em falta dessas bases especiais, o governo deve tomar a responsabilidade de sustentar a mulher. Mas o cumprimento dessa condição exige que a mulher renuncie a toda herança. Esse deserdamento livre é tão motivado quanto aquele dos sacerdotes, seja para prevenir uma influência corruptora, seja para concentrar os capitais humanos nas mãos daqueles que devem dirigir o seu emprego. A riqueza é mais perigosa no sexo feminino do que no sacerdócio, pois afeta mais a preeminência moral do que a superioridade mental. E a degradação moral é maior ainda quando a mulher enriquece por seu próprio trabalho. Não pode haver chefes industriais piores do que as mulheres. (COMTE apud MARGUTTI, 2019, p. 210).

No trecho anterior, Auguste Comte defende que a mulher precisa ser submissa e dependente do homem, e ainda incapacita as mulheres de ocuparem cargos de liderança. Comte também demonstra sua inflexibilidade e seu fanatismo por suas ideias quando se recusa a tratar a doença que o matou. De acordo com (DUARTE, 2002, p. 57) “Coerente com suas ideias, não permitiu ser examinado por nenhum médico, nem fez uso de nenhum medicamento, pois estava convencido de que seu próprio organismo era capaz de curar-se.”

Floresta enviou uma carta para Comte no dia 22 de agosto de 1857, tentando convencê-lo a tratar sua doença, pedindo para que Comte recorresse à medicina, porém, Auguste Comte em um trecho de sua carta de resposta enviada para Nísia dia 24 de agosto de 1857, diz:

Minha senhora, em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém pouco judiciosa, posso limitar-me a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades médicas, estaria atualmente morto. (COMTE, apud DUARTE, 2002, p. 93).

Em contra partida, Floresta lutava por autonomia para as mulheres e evidencia isso em diversos trechos de “Opúsculo Humanitário”, livro escrito após conhecer Comte e sua filosofia. No seguinte trecho Nísia fala o que pensa a respeito da mulher trabalhar fora do lar.

Vimos em França e em Inglaterra mães de quatro, cinco e mais filhos, amamentando ainda um, saberem dividir e utilizar tão bem o seu tempo, que os pensavam, faziam todo o serviço interno da casa, e lhes sobravam horas para ajudarem seus maridos no comércio, nas artes ou na lavoura apresentando no fim do dia um resultado de sua aplicação. Verdade é que naqueles países não se inculca, como aqui, à mulher, a falsa ideia de que ela nada pode ser por si mesma, sendo indispensável o braço do homem para fazê-la viver, como a sua razão para dirigi-la. Assim, quando a jovem, de qualquer condição que seja, transpõe ali o limiar nupcial, não leva, como as nossas, a presunção de que alcançou a única glória a que deve aspirar a mulher, esperando do marido todas as suas comodidades e a satisfação de todos os seus caprichos, direito que julga indisputavelmente firmado constituindo-se simples mãe de seus filhos. (FLORESTA, 1989, p. 124-125).

Nísia Floresta lutava pelo direito das mulheres trabalharem fora do lar desde 1832, como comprova seu primeiro livro publicado antes dela conhecer Auguste Comte. Após conhecê-lo, Floresta publica Opúsculo Humanitário, em 1853, livro onde ela continua defendendo o direito e a necessidade das mulheres se emanciparem, ou seja, Nísia muda seu discurso, devido ao contexto em que vivia, mas não muda a sua essência revolucionária. O positivismo permitiu algum tipo de instrução para as mulheres que antes não era possível ou aceita na sociedade, Nísia adere a algumas de suas ideias, já que seria um passo rumo a maiores mudanças.

A relação entre o feminismo e o positivismo existiu e foi essencial para o avanço do feminismo, pois realmente havia a necessidade de uma educação moral ser oferecida as mulheres do Império, Floresta entendia que era preciso colocar ordem naquelas mulheres antes de emancipá-las, ou seja, era preciso torná-las mais

sensatas, já que estavam viciadas a uma vida à sombra de um homem. Mas não por isso, podemos dizer que o feminismo de Nísia foi positivista, já que se assim o fosse não lutaria pela independência da mulher. Nísia queria ver as mulheres como protagonistas do progresso e não apenas nos bastidores da vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando realizei a pesquisa que resultou no presente trabalho, constatei existir no que poderíamos chamar de feminismo precursor brasileiro de Nísia Floresta, muitas ideias positivistas. Por esse motivo, se tornou importante estudar a relação existente entre o feminismo inicial brasileiro e o positivismo. A pesquisa teve como objetivo entender essa relação.

Tentamos mostrar que o feminismo precursor brasileiro se relacionou com o positivismo por uma questão de conveniência, uma vez que foi através do positivismo que as mulheres conseguiram conquistar ao menos alguma instrução básica, que veio a servir como base para maiores avanços das mesmas na sociedade imperial brasileira. Chegamos à conclusão de que o principal fundamento do feminismo de Nísia Floresta foi a educação, tanto moral, quanto científica, pois era somente através de uma base educacional de qualidade que as mulheres chegariam à emancipação. Sua filosofia baseava-se em educar para a vida no lar e também fora dele, educar para libertar, de tal maneira que em meados de 1838, Nísia ensinava em sua escola, através de um método de ensino mútuo, tanto a costura quanto as ciências, sendo esta última uma ousadia de Nísia e uma novidade para as mulheres do século XIX, que traria a oportunidade delas alcançarem cargos públicos e outros serviços fora do lar.

Percebemos que Floresta foi uma intelectual autodidata, que buscou conhecimentos e formou sua própria filosofia, que continha, por exemplo, ideias liberais, que já se faziam presentes no Império do Brasil, assim como muitas ideias positivistas, que ela conheceu de perto na França, e que vinham chegando ao Brasil e modificando pensamentos. Compreendemos que Nísia anexou ao seu feminismo precursor, o que o positivismo conservador de Auguste Comte tinha de revolucionário e de melhor para as mulheres brasileiras do século XIX, que eram as ideias de amor como base, ordem, valorização do conhecimento científico e as ideias de progresso social. Esse feminismo libertário com traços positivistas que surgiu da luta de Nísia Floresta foi revolucionário dentro das necessidades sociais da época, não podendo ser chamado de feminismo conservador mesmo contendo ideias positivistas, uma vez que buscava, por fim, emancipar as mulheres, educá-las para a vida, não só dentro, mas também fora do lar, tornando-as donas de si.

Entendemos que apesar da relação existente entre o feminismo e o positivismo, Nísia não aderiu ao positivismo ou a Religião da Humanidade, Nísia era católica apesar de criticar o catolicismo, e as críticas que fazia ao catolicismo pareciam ser em busca de mudanças no sistema religioso e não uma demonstração de adesão à outra doutrina. Notamos que Comte desejava que Nísia aderisse completamente as suas ideias, mas entendemos que Nísia tivesse por ele esse mesmo sentimento e desejasse que ele viesse a apoiar não somente as suas ideias que compactuavam com o positivismo, mas também as ideias de emancipação feminina.

Nísia não era uma positivista uma vez que não há registros que comprovem tal adesão, o que existem são registros da amizade entre a pensadora e o pensador, influentes no século XIX. Nísia e Comte tinham sim o desejo em comum de mudar a humanidade, mas cada um a sua maneira. Concluimos com essa pesquisa que Comte era ditador, Nísia era libertária. Além disso, a partir do momento em que as ideias nísianas de autonomia feminina e emancipação rompem com as ideias de Comte de que o lugar da mulher na sociedade era o ambiente doméstico, não existem mais dúvidas de que Nísia não foi uma positivista, apesar de ter assimilado ideais positivistas em sua filosofia e seu feminismo.

A relação entre o feminismo e o positivismo foi importante, pois compreendemos que Nísia viu no positivismo um complemento que faltava para a sua ideia de emancipação feminina funcionar. Com exceção do lugar social da mulher de acordo com o positivismo, e do autoritarismo demonstrado por Comte, o positivismo tinha todos os ingredientes necessários para tirar o Império do Brasil de uma situação de calamidade educacional feminina. Concluimos que Nísia morreu em 1885, deixando um legado para as mulheres que vieram a lutar depois por seus direitos e por uma educação de qualidade. Entendemos que a história feminista de Nísia Floresta foi e ainda é abafada pelo patriarcado que visa manter os homens em uma posição de domínio social, porque o feminismo nísiano é ameaçador, uma vez que reivindicar educação e conhecimento é reivindicar poder.

Observamos que existe um grande acervo de pesquisas relacionadas a Nísia Floresta, mas que apesar disso ela ainda é desconhecida, inclusive na sua região de nascimento.

As ideias oitocentistas revolucionárias da considerada primeira feminista do Brasil, podem nos fazer refletir atualmente, não somente sobre a necessidade de

estar sempre lutando por uma educação de qualidade e pela redução da desigualdade entre homens e mulheres, mas também sobre a necessidade de uma educação feminista ser oferecida nas escolas, pois visto que o ensino das ciências hoje já é igual para todos, se faz necessária a conscientização da sociedade de que todos, homens e mulheres, podemos e devemos ocupar os mesmos espaços de igual para igual, pois temos os mesmos direitos e deveres.

Nísia nos faz concluir que a educação pode mudar tudo, inclusive a luta feminista.

REFERÊNCIAS

BARBA, Pan Montserrat. ***O que é feminismo?***

BELTRÃO, Tatiana. **Divórcio demorou a chegar no Brasil.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>. Acesso em: 10 /03 /2022. Fonte: Agência Senado.

CÂMARA, Nathalie Bernardo. Apres. Constância Lima Duarte. **Fragments de uma obra inédita: notas biográficas.** Brasília: Ed. UnB, 2001.

DUARTE, Constância Lima. Trad. Miguel Lemos e Paula Berinson. **Cartas de Nísia Floresta e Auguste Comte.** Florianópolis: Mulheres/ Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil.** Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta.** Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

LONZA, Gabriel Battazza. **A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)** São Paulo, 2019.

MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: Feminismo, positivismo e outras tendências.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil: 200 anos de Auguste Comte.** Porto Alegre: AGE: Editora da Universidade, 1998.

VALADARES, Peggy Sharpe. Posfácio de Constância Lima Duarte. **Opúsculo Humanitário.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.